

A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: COM A PALAVRA OS ESTUDANTES

Katiúscia C. Vargas Antunes*
Rafaela Reis Azevedo de Oliveira**

RESUMO

O artigo em tela traz uma reflexão acerca da Sociologia na escola básica a partir da ótica dos estudantes. O objetivo central da pesquisa foi problematizar o papel da Sociologia para/com os jovens, tendo como referência o que estes pensam sobre a disciplina. O locus da pesquisa foi o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. A metodologia que norteou o estudo pautou-se na técnica do grupo focal. Foram realizados três grupos, com um número de 12 a 15 estudantes que cursavam o terceiro ano do ensino Médio. Os resultados foram organizados em cinco categorias analíticas, i) conhecendo a sociologia: o que é?; ii) A sociologia e o pensamento crítico: por que debater?; iii) A sociologia e o cotidiano: o que tem a ver?; iv) O meu/ a minha professor/professora de sociologia: como ensinar?; e v) Mudanças são bem-vindas: por que mudar? De maneira geral, foi possível perceber que os estudantes compreendem a sociologia como uma disciplina relevante para compreensão da sociedade e suas relações; que quando o professor trabalha de maneira contextualizada eles demonstram maior interesse; que a relação entre professor-aluno, quando amistosa, faz diferença na recepção da disciplina em sala de aula, ou nos espaços de encontro.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Juventudes, Representação social.

THE SOCIOLOGY AT THE HIGH: WITH THE WORD THE STUDENTS

ABSTRACT

The present article brings a reflection about sociology at the school in the students point of view. The central objective of the research was to discuss the role of sociology with/among the youngsters using their beliefs about the discipline. The locus of research was the school of applied science of the Juiz de Fora Federal University, Minas Gerais, Brazil. The methodological guideline used was the focal group technique. Three groups were organized, with numbers ranging from 12 to 15 students coursing the last year of high school. The results were organized in five analytical categories, i) knowing sociology: what is it?; ii) Sociology and the critical thinking: why debate?; iii) Sociology and routine: what is the relation?; iv) My sociology teacher: how to teach?; And v) Changes are welcome: why change? As a general idea, we were able to realize that the students perceive sociology as a relevant discipline for the comprehension of society and its relations; That when the teacher works to bring the discipline to their context, they show greater interest; that a friendly interaction between teachers and students, makes difference in the reception of the content of the discipline, inside and outside the classroom.

Key-words: Sociology teaching, youth, social representation

LA SOCIOLOGÍA EN LA ENSEÑANZA MEDIA: CON LA PALABRA LOS ESTUDIANTES

RESUMEN

El artículo trae una reflexión acerca de la Sociología en la escuela básica a partir de la óptica de los estudiantes. El objetivo central de la investigación fue problematizar el papel de la Sociología para / con los jóvenes, teniendo como referencia lo que estos piensan sobre la disciplina. El locus de la investigación fue el Colegio de Aplicación de la Universidad Federal de Juiz de Fora / MG. La metodología que orientó el estudio se basó en la técnica del grupo focal. Se realizaron tres grupos, con un número de 12 a 15 estudiantes que cursaban el tercer año de la enseñanza media. Los resultados se organizaron en cinco categorías analíticas, i) conociendo la sociología: ¿qué es? ii) La sociología y el pensamiento crítico: ¿por qué debatir? iii) La sociología y lo cotidiano: ¿qué tiene que ver? iv) Mi / mi profesor / profesora de sociología: cómo enseñar?; Y v) Cambios son bienvenidos: ¿por qué cambiar? De manera general, fue posible percibir que los estudiantes comprenden la sociología como una disciplina relevante para la comprensión de la sociedad y sus relaciones; Que cuando el profesor trabaja de manera contextualizada, demuestran mayor interés; Que la relación entre profesor-alumno, cuando es amistosa, hace diferencia en la recepción de la disciplina en el aula, o en los espacios de encuentro.

Palabras - Clave: Enseñanza de Sociología, Juventudes, Representación social.

* Dra. em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Educação. FACED/UFJF. Contato: katiuscia.vargas@ufjf.edu.br

** Dra. em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Educação. FACED/UFJF. Contato: Rafaela.reis@ufjf.edu.br.

O presente trabalho tem por objetivo problematizar o papel da Sociologia para/com jovens do Ensino Médio, tendo como referência o que os próprios estudantes pensam desta disciplina. As discussões que serão apresentadas neste texto são fruto de uma pesquisa realizada junto aos alunos das turmas de terceiro ano do Ensino Médio, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF/MG. Tal pesquisa nasceu no âmbito da disciplina de Prática em Ensino de Sociologia I, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais e acabou ultrapassando os limites da disciplina, transformando-se num projeto de pesquisa que mobilizou os licenciandos a investigar mais profundamente qual a representação que os estudantes do Ensino Médio têm sobre a Sociologia.

Para responder à questão de pesquisa, definimos um percurso metodológico pautado nos pressupostos da pesquisa qualitativa em educação (BOGDAN E BIKLEN, 1994). Como estratégia de produção dos dados, foram realizados três grupos focais com todas as turmas de terceiro ano do Ensino Médio do Colégio João XXIII. Cada grupo contou com a participação de 12 a 15 estudantes e foi mediado pelos licenciandos em Ciências Sociais. Foi elaborado um roteiro inicial com questões em que perguntávamos aos alunos sobre o que era Sociologia, suas percepções sobre a disciplina, se ela contribui de alguma maneira para a construção de um pensamento mais crítico e atuação na sociedade e, ainda, aspectos relacionados à atuação docente na condução da disciplina. Os encontros foram gravados em áudio e, posteriormente, utilizamos a abordagem metodológica de análise de conteúdo que, conforme sugere Laurence Bardin (2009), é um instrumento de pesquisa aplicável em discursos diversos e que nos permite quantificar informações orais por meio de categorizações. Em outros termos, nos permite classificar os conteúdos das mensagens em uma espécie de “gavetas”. Diante disso, cinco foram as categorizações realizadas no material obtido pelos grupos focais, quais sejam: i) conhecendo a sociologia: o que é?; ii) A sociologia e o

pensamento crítico: por que debater?; iii) A sociologia e o cotidiano: o que tem a ver?; iv) O meu/ a minha professor/professora de sociologia: como ensinar?; e v) Mudanças são bem-vindas: por que mudar? Essas categorizações orientam a apresentação dos dados da pesquisa a seguir¹.

Os resultados desta pesquisa nos auxiliam a pensar no papel da Sociologia no Ensino Médio, a partir da forma como os jovens estão compreendendo esta disciplina no seu cotidiano, possibilitando (re)significar a forma como professores e professoras estão apresentando a Sociologia aos seus alunos e, conseqüentemente, a busca pelo desenvolvimento de práticas pedagógicas mais significativas para/com os jovens.

A CONSTITUIÇÃO DA SOCIOLOGIA COMO SABER ESCOLAR E O SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

A constituição da Sociologia como saber escolar, ao longo da história brasileira, foi marcada por presenças e ausências desta disciplina nos currículos. Muitas são as razões que justificam essa intermitência, dentre as quais podemos citar os aspectos histórico-culturais e as relações que são tecidas entre os campos social, educacional e científico (SILVA, 2007). Para além desses aspectos, existe o questionamento acerca de qual papel a Sociologia teria na escola básica. Constantemente perguntas como: que Sociologia é essa que deve ser ensinada? Qual sua utilidade? Para quem serve a Sociologia? são levantadas tanto no meio acadêmico quanto no interior das escolas. Assim, para compreendermos como essa disciplina vem se consolidando é necessário nos reportarmos a alguns marcos históricos que, de alguma maneira, indicam o lugar da Sociologia na escola.

A Sociologia figura pela primeira vez nos currículos escolares no século XIX, quando, por sugestão de Rui Barbosa foi incluída nas reformas educacionais propostas por Benjamin Constant em 1891 que, vale ressaltar, não foram efetivadas. Foi somente a partir dos anos de

¹ Na apresentação dos resultados das pesquisas serão trazidas para ilustração algumas falas transcritas dos alunos pesquisados. Para efeito de identificação, informaremos o Grupo Focal (GF) que ele fez parte, conforme as siglas GF1, GF2 e GF3 e os nomes que eles mesmos pediram para se identificar.

1920, em virtude das chamadas reformas Rocha Vaz (1925) e a Francisco Campos (1931), que a Sociologia se consolidou como disciplina escolar (MORAES, 2011).

Um fato curioso mencionado por Meucci (2011) é que a introdução da Sociologia na escola básica antecedeu à criação dos primeiros cursos de Ciências Sociais, que só ocorreu na década de 1930. Esse fato talvez explique, em parte, a incompreensão acerca de como realizar a contextualização da Sociologia como ciência para a Sociologia como saber escolar, posto que, à época, os professores que lecionavam a Sociologia eram intelectuais autodidatas ou de outras áreas de conhecimento como Direito, por exemplo. É também nos anos 30 que identificamos um alinhamento da Sociologia como saber escolar com as perspectivas de modernização do país, que se fortaleciam sobremaneira no cenário político-econômico. Como nos relata Oliveira (2013),

A Sociologia apresentou-se neste contexto como uma disciplina capaz de renovar intelectualmente o país, de modernizá-lo por assim dizer. Ainda que devamos considerar os aspectos contraditórios da realidade social, intelectual e política existentes não apenas no Brasil como na América Latina como um todo (p.356).

Com a reforma Capanema, em 1942, a Sociologia é retirada dos currículos, permanecendo apenas nos cursos de formação de professores. Essa trajetória intermitente da presença/ausência da Sociologia na escola básica atravessou períodos marcadamente autoritários e outros considerados democráticos, o que segundo Moraes (2011) não nos permite afirmar que há uma coincidência da presença da Sociologia na escola nos momentos democráticos e, conseqüentemente, sua retirada dos currículos em governos autoritários. Um fato que ilustra essa afirmação foi quando da aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 4.024 de 1961, onde em um período considerado democrático, a Sociologia permaneceu fora da escola. Para Moraes (2011),

a exclusão da Sociologia do currículo prende-se menos a preconceitos ideológicos e mais à indefinição do papel dessa disciplina no contexto de uma formação que se definia mais orgânica, resultado do estabelecimento de uma burocracia mais técnica e mais exigente ou convicta em relação à concepção de educação (p. 365).

Nesse sentido, ainda hoje, mesmo com os avanços ocorridos com a obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio, a indefinição acerca do seu papel paira sobre o mundo acadêmico e sobre a escola. Não há um consenso no que tange a defesa da Sociologia no Ensino Médio.

A partir da década de 1980, período marcado pela chamada redemocratização do país, a Sociologia gradativamente volta para a escola e passa a figurar nos currículos de alguns estados da federação. Em 1996, quando da aprovação da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, a Sociologia é mencionada como um conhecimento necessário para a formação dos jovens, no sentido de favorecer o exercício da cidadania. Esta relação da Sociologia com a formação da/para a cidadania talvez seja um dos movimentos no sentido de definir qual o seu papel na escola básica, entretanto, como bem nos aponta Oliveira (2014), atribuir a Sociologia este papel é, ao mesmo tempo, negar a própria condição de cidadãos dos jovens do Ensino Médio, quando se tem a pretensão de fazê-los futuros cidadãos e, por outro lado, representa um certo reducionismo em relação aos conhecimentos que a Sociologia pode abordar.

Foi durante o governo Lula, mais precisamente em 2006, que o Conselho Nacional de Educação manifesta-se favorável à obrigatoriedade da Sociologia e da Filosofia no Ensino Médio, fato que se concretiza em 2008, com a Lei 11.684.

Não obstante à sua obrigatoriedade na escola desde 2008, os debates em torno do tema, apontam para a necessidade de formar-se uma cultura escolar em torno da Sociologia, que não deve partir apenas das gestões dos Estados, mas devem estar presentes no cotidiano da escola, e principalmente, na formação de professores. As questões e reflexões levantadas, não devem se concentrar apenas na forma como o saber escolar

sociológico irá se fixar nos currículos, mas, do mesmo modo, deve-nos levar a refletir qual é o lugar da Sociologia e como temos construído o seu papel no Ensino Médio.

Para Oliveira (2013), norteados pelas Orientações Curriculares Nacionais, podemos considerar que, fora do clichê sobre formação de cidadãos, a Sociologia como saber escolar deve estranhar e desnaturalizar a realidade social dos alunos. Ainda no campo das políticas de currículo, estamos vivenciando o processo de construção da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que, esta sendo analisada pelo Conselho Nacional de Educação antes de ser votada. Este documento já passou pela fase de consulta pública e muitas críticas de professores, pesquisadores e associações de ensino foram dirigidas à maneira como determinadas disciplinas foram pensadas².

No caso da Sociologia, podemos afirmar que, pela primeira vez, houve um movimento no sentido de sistematizar que conteúdos, por assim dizer, devem ser ensinados nos três anos do Ensino Médio. Para nós, isso significa um avanço em relação ao documento anterior que, na nossa leitura, foi construído de forma a justificar a presença da Sociologia na escola, sem definir o que deveria ser ensinado. Sobre esse aspecto, vale ressaltar que tal indefinição fez com que diferentes abordagens e práticas se disseminassem nas escolas entre os professores de Sociologia, caracterizadas desde uma abordagem histórica da Sociologia, partindo sempre dos Clássicos representantes dessa ciência – Durkheim, Marx e Weber – até abordagens que se distanciam da Sociologia, caracterizando mais uma aula de atualidades do que propriamente de Sociologia.

Voltando a BNCC, identificamos que houve uma coerência na organização e distribuição dos conteúdos da Sociologia em todo o Ensino Médio, permitindo que o professor tenha uma orientação mais precisa de como trabalhar com esta disciplina. Entendemos que tal organização não significa um aprisionamento dos assuntos a serem tratados nas séries em que estão indicados. Compreendendo o currículo como um documento “vivo” e dinâmico, certamente existem possibilidades de diálogo com o que esta

posto, adequando e reorganizando o ensino a partir dos diferentes contextos escolares.

Acreditamos que, para o debate sobre a Sociologia como saber escolar, devemos refletir, igualmente, a quem este saber é transmitido e de que forma, a partir da compreensão de quem são os sujeitos do Ensino Médio. Este saber pode ser construído de maneira mais adequada se considerarmos os contextos escolares e cotidiano dos jovens que hoje frequentam as escolas de todo o país, trazendo significações para a sala de aula, que unam teoria com o dia-a-dia vivenciado pelos alunos.

Para Freitas (2014) o desafio de ser professor de Sociologia no Ensino Médio passa por dois momentos: acertar e refletir sobre o que é fundamental para um público que é obrigado a aprender Sociologia, mas que ainda não escolheu ser cientista social, do mesmo modo, encontrar horizontes semânticos, onde sentidos de significações devem ser construídos em conjunto. Assim, torna-se crucial, neste contexto, o que tem sido feito para “seduzir” os jovens a compreenderem a importância da Sociologia na escola, muito mais como uma ferramenta que os permitirá desnaturalizar e estranhar a realidade social, desenvolvendo a habilidade de poder pensar criticamente sobre a sociedade em que vivem, do que, propriamente, como um conteúdo a ser aprendido e decorado para posteriormente ser reproduzido em avaliações ou processos seletivos para ingresso no Ensino Superior.

É nesse sentido que procuramos dar voz aos alunos para compreender melhor como a sociologia vem sendo percebida e trabalhada no contexto escolar. Isso é o que veremos a seguir.

3. O QUE DIZEM OS ALUNOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA.

3.1. Conhecendo a sociologia: o que é?

Anthony Giddens (2012, p.19) afirma em sua obra que a

² Importa destacar que a discussão sobre a Sociologia no currículo do Ensino Médio refere-se a segunda versão da BNCC. No atual momento político que nosso país atravessa, este documento encontra-se em fase de reformulação tendo em vista a aprovação da Medida Provisória 746/16.

[...]Sociologia é o estudo científico da vida humana, de grupos sociais, de sociedade inteiras e do mundo humano. É uma atividade fascinante e instigante, pois seu tema de estudo é o nosso próprio comportamento como seres sociais. [...] Ela nos ensina que aquilo que consideramos natural, inevitável, bom ou verdadeiro pode não ser, e que as coisas que consideramos como normais são profundamente influenciadas por fatos históricos e processos sociais.

Essa definição de Sociologia realizada por Giddens é uma descrição clara e simples das possibilidades que essa ciência emergida no século XIX nos proporciona. Mas a despeito de sua clareza e simplicidade, sabe-se que para chegar a essa definição, o sociólogo realizou profundos estudos em sua trajetória acadêmica e profissional.

E se perguntássemos de maneira aleatória às pessoas pelas ruas de nossas cidades o que é Sociologia ou por que seria interessante investir nos estudos sociológicos? Será que chegaríamos a alguma definição aproximada de Giddens? E nas salas de aulas do ensino médio, conseguiríamos alguma definição que demonstrasse, tal como nas palavras do autor, o que ela nos ensina?

Os alunos do CAP João XXIII, ao serem questionados sobre o que é estudar sociologia apresentaram uma interessante postura em relação à disciplina. Num primeiro momento, é a introdução de mais um conteúdo curricular na sua grade escolar, e chata, por discutir muitas teorias. Mas ao passar do tempo, há uma visão mais clara e às vezes surpreendente sobre as suas contribuições efetivas, tal como é possível observar nas falas em destaque:

No começo eu achei que era chato, porque no ensino fundamental você tem química, filosofia, química, biologia, aí você entra no ensino médio e tem mais uma disciplina (GF2, Y).

Eu estranhei e até tinha perguntado uma amiga, porque a gente iria estudar sociologia? Pra que a gente precisava saber como a sociedade funciona se a gente já vive numa sociedade? Só

que tem muita coisa por trás e muita coisa que passa despercebida (GF1, mulher 2).

Estudar sociologia é ver como o comportamento de grupo de pessoas pode interferir em um comportamento individual. [...] eu lembro foi estudando Karl Marx e a principio eu não via utilidade em estudar Karl Marx. Mas demorou um pouquinho pra eu perceber que é importante saber essas coisas. Isso muda a nossa percepção de algumas coisas no cotidiano (GF1, Luz).

É interessante destacar ainda que os alunos, embora apresente um contato inicial reticente com a disciplina, aos poucos, conforme vão conhecendo os conteúdos, adquirem a dimensão do qual Giddens apresenta em sua definição. Isso tornou muito claro quando se ouviu o depoimento de uma aluna que já estudava a disciplina por quase três períodos letivos completos.

[...] eu acho que o que mais marcou na disciplina de sociologia foi o desenvolvimento tanto da nossa maturidade como aluno, como pessoa, como cidadão durante os três anos com essa conexão que foi estabelecida entre a teoria - porque muitas das vezes as matérias são ensinadas apenas na teoria. E a matéria da sociologia ela é desencadeada em todos os âmbitos da sociedade por todas as questões da nossa vida e, às vezes, coisas que a gente não conseguia ver em nossa vida a gente vê com outra visão. A gente consegue ampliar a nossa mente em questão de aceitar mais a opinião, que é diferente da nossa. E vê o desenvolvimento da sociedade ao longo da história, vê como o pensamento ele foi desenvolvendo ao longo do tempo e como isso gera mudanças na sociedade em si (GF3, Aurora).

Vale observar, para encerrar esse primeiro tópico, que se a disciplina foi capaz de realizar o que esses depoimentos trazidos reportaram, foi cumprida ao menos a missão de fazê-la compreender o que ela é. Demais implicações sobre isso, serão discutidas adiante.

3.2. A Sociologia e o pensamento crítico: por que debater?

Quando no ano de 2006, o CNE e a CEB emitiram parecer nº 38, que tinha por tema a inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio, ele se amparava na LDB (Lei 9.394/96), em seus artigos 35 e 36 (este modificado, em 2016, pela Medida Provisória nº 746). O inciso III do artigo 35 diz que o Ensino Médio, sendo etapa final da Educação Básica, tem como finalidade “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. Posto isso, concordamos com os relatores do Parecer que a Sociologia e, igualmente, a Filosofia, tendo em vista as possibilidades que estas disciplinas oferecem aos alunos, são capazes de realizar a finalidade acima apresentada. Mas será que são mesmo?

Essa questão que colocamos anteriormente foi apresentada também aos alunos presentes nos grupos focais. Colocam tanta expectativa em relação ao ensino de Sociologia, mas será que ela está realmente realizando a transformação dos alunos, oportunizando a construção de um pensamento mais crítico diante da realidade vivida e observada?

Os depoimentos obtidos nos dão pistas de que a sociologia pode contribuir sim para a desnaturalização e percepção mais crítica das situações sociais que os alunos estão vivenciando.

Eu acho que o conhecimento que a gente aprende aqui, eu acho que a gente passa a entender o próprio processo por trás das coisas que acontecem e a partir disso a gente cria uma ideologia e pode discutir qualquer tipo de assunto. Aí a gente vai ter um senso crítico (GF3, Tempestade).

Eu acho que amplia nossa visão sobre aquele determinado assunto e, às vezes, as pessoas têm uma visão bem preconceituosa sobre determinados assuntos e acha que é só aquilo mesmo. Não aprofundam o pensamento

dela naquilo. Esse preconceito acaba caindo, porque ela vê que não era só aquilo que ela pensava. A pessoa tem um modo de viver, seja o que for, e isso muda o pensamento das pessoas e comportamento porque tem pessoas que tratam mal determinada pessoa por algo que ela segue, algo que ela acredita. E acho que isso muda muito no que posso dizer sobre mim mesma é que alguns pensamentos meus mudaram, muitos eram muito superficial sobre um determinado assunto e esse pensamento mudou por eu ter aprofundado mais isso na sociologia (GF3, Aurora).

Importante dizer que os alunos destacam a Sociologia como possibilidade de romper a barreira de preconceitos, tendo em vista a consciência de diferenças, seja de que ordem for, ou, então, por compreensão mais ampla de como as coisas realmente são. Além disso, é uma oportunidade de rever comportamentos e promover mudanças de atitudes em relação a situações que inclusive geram *bullying* no ambiente escolar.

[...] os seus comportamentos na vida muitas vezes são de acordo com as coisas que você vê, experimenta, apreende e por isso você aprendendo sobre a sociedade, você passa a se comportar de outro jeito em relação a ela, principalmente quando você não se sente bem ou vê várias coisas de um jeito que você não concorda e que são muito comuns para os outros. Aí quando você passa a entender isso, estudando sociologia, eu acho que você muda o comportamento em relação a essas coisas (GF3, Wellington).

Essa percepção discente sobre a Sociologia enquanto formadora de consciência crítica e possível de provocar mudanças de atitudes não é uma exclusividade observada na pesquisa realizada no CAP João XXIII, mas de outros estudos, como o realizado no Distrito Federal (DF) por Tauvana Yung (et al, 2015). Embora a pesquisa tenha tido como objetivo identificar a relação entre as especificidades do contexto escolar com a formação inicial adequada de professores, ela foi capaz de identificar que

a percepção dos alunos sobre a Sociologia é de que a disciplina oportuniza “uma boa conduta social, um saber conviver em grupo, tendendo ao conhecimento ético e de valores com os familiares” (p.141).

3.3. A Sociologia e o cotidiano: o que tem a ver?

Quando nos empenhamos a estudar um pouco mais sobre o ensino de Sociologia no Brasil, nos deparamos com diversos estudos que retratam um aspecto um tanto peculiar, que é a oposição entre bacharelado e licenciatura nos cursos de Ciências Sociais ou Sociologia em nosso país. Resumidamente, essa oposição se relaciona por certa disputa de *status* entre o pesquisador e o docente, ratificada nos próprios bancos universitários, nos quais os graduandos eram “incorporados” a um “*habitus*” que os distanciavam da docência, o “*habitus* bacharelesco”. Ana Caroline Sardinha (et al, 2015), quando cunhou esse termo referiu-se aos cursos de Ciências Sociais que, tradicionalmente, tende a inculcar em seus alunos mais os capitais inerentes à pesquisa que as habilidades docentes, tão necessárias ao exercício do magistério.

O que isso reflete neste tópico, é que a Sociologia nem sempre pode ser ensinada de uma maneira que conseguisse pensar o cotidiano do aluno, mas sendo transmitida de forma teórica, descontextualizada e pouco percebida como uma “lente” para compreender a realidade. Os docentes ensinavam como aprendiam em suas graduações e sabemos que, a menos que o jovem do Ensino Médio queira ser um cientista social, dificilmente a disciplina o atrairia desta maneira.

Achei que no primeiro momento foi um pouco pesado, porque já chegamos com a teoria sem ter uma introdução do que é a sociologia, e com muita teoria eu levei um choque. E depois a gente vai acostumando, e começamos a perceber que a teoria vai tendo algum embasamento no geral que a gente vai tratar. Tipo a teoria vai complementar o que a gente tem no cotidiano hoje, mas inicialmente eu achei muito pesado (GF1, Homem 2).

Assim sendo, questionados sobre a possibilidade de relacionar os conteúdos transmitidos em Sociologia com o cotidiano e se eles conseguiram levar discussões desses conteúdos para espaços externos à escola, os alunos pesquisados demonstraram que sim, que o debate, normalmente, extrapola os muros da escola e chega às casas, onde eles afirmam poder, inclusive, contrapor argumentos de familiares. Ademais, ainda que a teoria esteja lá presente, eles conseguem com a mediação do professor realizar a leitura da realidade a partir dela.

Vou dar um exemplo no que a gente estava estudando o ano passado então. A gente estava estudando propaganda e etc.. Aí estava mostrando como a mídia coloca o estereótipo de beleza pra gente e tal, e a gente sempre segue esse estereótipo. A gente leva isso pra vida, mas sem saber que estamos fazendo parte de um modelo e a gente só consegue perceber que não precisa ser todo mundo padronizado, quando a gente começou a estudar sociologia. E a sociologia acabou mostrando de certa forma que não é assim (GF1, Mulher 2).

E quando a pergunta é sobre levar as discussões da disciplina para fora dos espaços escolares, os depoimentos foram:

Eu nunca cheguei em casa e falei, agora vamos discutir a teoria do socialismo. Eu não faço isso. Mas se surgir um assunto assim, o que eu aprendi na sala, foi argumentos para conseguir discutir assuntos assim. Porque querendo ou não a gente leva para fora de sala também (GF1, Mulher 2).

Eu tenho uma experiência muito grande em casa, né, porque meu pai foi militar na época da ditadura e ele tem a posição política dele e eu tenho a minha. Então a gente debate muito, sabe, sobre o sistema, mas não só com ele, até com outros familiares também. Principalmente com minha família, eu debato muito e depois que a gente vai crescendo, com o passar dos

anos no ensino médio a gente vai acumulando conhecimento, acumulando conhecimento tanto do nosso lado, como do deles, a gente vai debatendo cada vez mais e melhor (GF1, Homem 3).

Conforme vimos neste tópico, a Sociologia consegue despertar interesse nos alunos pela proximidade com o contexto e de debater assuntos tão presentes no dia a dia, mas também pela maneira como ela é lecionada. Quando o professor consegue realizar a transposição didática, mostrando onde a teoria se encaixa na realidade do aluno, este acaba se envolvendo mais com a disciplina. É esse assunto que iremos aprofundar um pouco mais no próximo tópico.

3.4. O meu/minha professor/professora de Sociologia: como ensinar?

Posteriormente à institucionalização da Sociologia no Ensino Médio no ano de 2008, muitos desafios foram postos, como: elaboração de currículo, formação de professores, realização de concursos públicos para professores da disciplina, elaboração de material didático e até mesmo elaboração de itens para avaliações em larga escala.

No que compete ao trabalho do professor, tema deste tópico, cumpre-se dizer que, entre 2008 e 2016, dada a legislação que regula o ensino de Sociologia no Ensino Médio, a previsão é de que ela seja oferecida em todos os anos da etapa final da Educação Básica, seja ela regular ou do ensino técnico. Contudo, coloca-se a dificuldade, tendo em vista que a grande maioria dos sistemas de ensino trabalha apenas uma aula semanal com o conteúdo. Desta informação, algumas implicações são possíveis de extrair: dificuldade de tratar um conteúdo de maneira adequada, ou mesmo de utilizar algum recurso didático mais interessante, como a realização de um debate, filmes, pesquisa, etc; e, também, a excessiva distribuição de turmas por professor de sociologia, considerando a importância de preenchimento da carga horária para qual ele foi contratada. Muitas vezes ele precisa se deslocar entre diferentes escolas para o cumprimento de

sua jornada.

Além desses elementos, nos interessou destacar como esse(a) docente leciona sociologia, pois há estudos realizados que denotam que a maneira como o professor atua em sala de aula, pode tornar o conteúdo mais interessante ou não. Yung (et al, 2015) demonstrou em sua pesquisa que as aulas em que os alunos precisam ler ou copiar no quadro são as que menos agradam; porém, quando há proposição de debates, participação interativa ou uso de jogos, os alunos tendem a se interessar mais. E o conteúdo de sociologia, às vezes excessivamente teórico, não fica para trás.

Eu acho que assim, a maneira da aula expositiva ajuda muito, porque tem muitos professores que dão aula como há quinhentos anos e não é legal né. Assim, os professores do João XXIII, no geral, eles tentam, né, igual ela falou, né. Eles tentam mudar o jeito deles para que todo mundo aprenda, seja com vídeo, com fotos, apenas falando e escrevendo quando tem que escrever, né. E é bem legal, porque se ficar naquele sistema de todo mundo sentadinho, quietinho e só o professor fala, às vezes fica desinteressante e não é uma coisa legal e acaba que o aluno acaba não entendendo e não aprendendo (GF1, Homem 3).

Só de falar que a aula vai ser fora de sala de aula, todo mundo já fica empolgadíssimos é bem interessante (GF1, Mulher 2).

E também é diferente como a sociologia é e ensina em outros espaços. Por exemplo, a gente aqui tem aula de projeto social, movimento social. De uma forma, dentro desse tema, num colégio estadual ou municipal, como que é? Como que se dão as discussões dentro daquele colégio? Dentro do ponto de vista sociológico? (GF2, aluno 23)

A diferenciação de estratégias didáticas, que não precisa ser uma ação exclusiva da sociologia, tem tornado a disciplina mais atrativa, conforme é possível observar no depoimento a seguir:

Às vezes costuma ser massivo pra gente também, porque temos sete aulas e em todas as disciplinas é a mesma coisa e quando a sociologia seguia o padrão das outras ficava só na mesma coisa, não dava destaque. Mas depois que os professores mudaram essa aula com fotos e vídeos e até os trabalhos com práticas que a gente tem que realizar acaba ganhando mais destaque (GF1, Homem 2).

Ana Beatriz Neves (2015) realizou interessante pesquisa com professores de sociologia na Rede Estadual do Rio de Janeiro que tornou possível criar identidades docentes, tomando como base os tipos weberianos. Deste modo, ela identificou o professor descomprometido, que a docência é vivida de maneira secundária; o professor revolucionário, que percebe a Sociologia em sala de aula como uma oportunidade de doutrinação; o professor erudito, que opta por discutir temas sempre do ponto de vista dos clássicos; o professor cidadania, que se coloca na função de conscientizar o aluno de seus direitos e deveres; e o professor desnaturalizador, que almeja a desnaturalização da realidade que o aluno se insere.

Crê-se que um bom professor de sociologia pode ser pensado a partir da aglutinação de certas características observadas nesses tipos ideais, mas ocorre que há uma característica que, embora não esteja tipificada, pode estar presente em cada um desses cinco tipos e ainda assim fazer a diferença para o interesse e aprendizado em sociologia: a relação menos hierarquizada entre professores e alunos.

A gente tem uma vantagem até muito grande porque temos intimidade e conforto com os professores de sociologia. Igual o “professor” ele é amigo. Assim, sempre brinca lá fora, na aula esta sempre brincando com a gente, já até jogou bola com a gente. Ele faz a gente se sentir muito confortável. A “professora” sempre foi a mesma coisa do “professor”, sempre conversou com a gente fora da aula e ajuda bastante a criar esse conforto. E na aula deles, eles sempre usaram uma linguagem muito tranquila de entender a matéria. E quando eles viam que

não dava daquela forma, tentava mudar para os alunos entenderem (GF1, Homem 2).

Aline Silva (2015, p. 194) nos ajuda a pensar a partir de sua pesquisa sobre a sociologia no município de Duque de Caxias, que, embora a disciplina seja considerada importante pelos alunos, como já pudemos observar nos tópicos 1 e 2 desta seção, há um aspecto diferencial que se coloca, que é o efeito-professor (Bressoux, 2003 apud Silva, 2015). Em suas palavras, é “a forma como se dará a relação professor-aluno na sala de aula, que influenciará a maneira como a disciplina será recebida pelos alunos”.

Passamos, finalmente, a apresentação do último tópico.

3.5. Mudanças são bem-vindas: por que mudar?

No momento em que a pesquisa foi realizada não se cogitava que a Sociologia pudesse sair dos currículos escolares novamente. Medida provisória nº746, aprovada em fevereiro de 2017, institui a reforma do Ensino Médio tornando o futuro da disciplina obscuro mais uma vez. A recente institucionalização não foi capaz de garantir no texto final da reforma a manutenção da disciplina como obrigatória nos currículos. A partir de 2017, o currículo do Ensino Médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos específicos (art. 36, LDB/96), quais sejam: linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e formação técnica e profissional. No que compete a área de ciências humanas, a sociologia será contemplada como conteúdo obrigatório, mas ainda sem uma definição de como isso se efetivará, visto que até o momento a BNCC para o Ensino Médio não foi publicada.

Contudo, considerando a obrigatoriedade ainda presente da disciplina, os depoimentos obtidos nos grupos focais revelaram tanto uma vontade de que a Sociologia se antecipe, já sendo oferecida no Ensino Fundamental, quanto a opinião de que ela seja optativa (convergindo para a proposta da reforma do Ensino Médio). E, ainda, que os alunos, não apenas em Sociologia, mas nas demais matérias têm ficado

sobrecarregados de conteúdos, se eximindo de aprofundar em outros, haja vista os programas de concursos vestibulares seriados (PISM da UFJF) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Eu acho que deveria ser aplicada [a sociologia] mais cedo. Eu acho que a sociologia deveria acontecer desde o ensino fundamental. E acho que três anos é pouco tempo pra gente discutir um monte de coisa. E eu acho que deveria ser um pouco mais natural. Então se fala do sociólogo, sabe das teorias dele, menos maçante e mais natural (GF3, Tempestade).

Eu acho que deveria ser opcional. Então se é, eu vou na aula dele eu vou de boa. Acho que deveria ser alguma coisa opcional e deveria partir da própria parte do aluno. Se ele estiver interessado ou não. O que acontece é um monte de vez ele não está interessado e vai e às vezes atrapalha a aula (GF3, Aluno).

[...] a gente acaba perdendo muita matéria que poderia ser estudadas, e ter um aproveitamento melhor se encaixasse no contexto que a gente está e seria muito melhor naquele momento, porque temos a ideia de que temos que estudar só para o PISM. Acaba que perdemos o valor do conhecimento geral assim, é um conhecimento só para uma prova e não um conhecimento pra si, aplicado na sociedade (GF1, Homem 2).

Diante do exposto, o que os estudantes destacam como possíveis mudanças nos leva a pensar não apenas sobre o ensino de sociologia, mas sobre o ensino médio de uma forma mais ampla. Eles mencionam, por exemplo, o quanto a lógica tradicional de ensino, com aulas expositivas e descontextualizadas é cansativa e pouco proveitosa. Também chamam atenção para a perspectiva de que só se estuda aquilo que cai na prova ou só se estuda com vistas a realizar um exame de ingresso no Ensino Superior. Essa é uma crítica comum ao Ensino Médio. Mesmo assim, percebemos que o foco que tem sido dado à mudança nesta etapa permanece por fortalecer a perspectiva de que os jovens do ensino médio necessariamente tem como objetivo de vida o acesso ao ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo problematizar o papel da Sociologia para/com jovens do Ensino Médio, tendo como referência o que os próprios estudantes pensam desta disciplina. Deste modo, iniciamos com a apresentação breve sobre a institucionalização da disciplina nos currículos escolares e posteriormente seguimos com a apresentação dos resultados dos grupos focais realizados com alunos do ensino médio em Juiz de Fora-MG para buscarmos entender a percepção dos jovens sobre o ensino de sociologia.

De maneira geral, foi possível perceber que os estudantes compreendem a sociologia como uma disciplina relevante para compreensão da sociedade e suas relações; que quando o professor trabalha de maneira contextualizada eles demonstram maior interesse; que a relação entre professor-aluno, quando amistosa, faz diferença na recepção da disciplina em sala de aula, ou nos espaços de encontro; e que é preciso reformar o Ensino Médio de uma maneira mais ampla, sobretudo a partir da contextualização dos conteúdos, de modo que não virem necessários apenas para a aprovação em exames e avaliações em larga escala.

Reformar o Ensino Médio foi objeto de Medida Provisória aprovada em 2017, que dará ao aluno condições de escolher seu itinerário formativo, retirando a obrigatoriedade de disciplinas como arte, educação física, sociologia e filosofia. Deste modo, o ensino de sociologia na educação básica, institucionalizado em 2008, acabou tendo um breve período de duração, embora a reforma tenha colocado em seu texto a sociologia não mais como disciplina, mas agora como conteúdo obrigatório. Se os desafios da recente institucionalização já eram muitos, como proposição de um currículo, formação inicial e continuada de professores de sociologia, organização de materiais didáticos e, até mesmo, tornar evidente para os alunos a sua importância, sem padecer do rótulo de disciplina “chata” e excessivamente teórica, a Reforma aprovada em 2017 trouxe um novo desafio - pensar a oferta de conteúdos de sociologia, num contexto de ausência de orientação sobre como as escolas

se organizarão, a não publicação da versão final da Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio, e se o conteúdo de sociologia será diluído em outras disciplinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. CNE/CEB. *Parecer nº 38 de 07 de julho de 2006*. Dispõe sobre a inclusão obrigatória das disciplinas de filosofia e sociologia no currículo do ensino médio. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb038_06.pdf> Acesso em 30 de abril de 2016.

BRASIL. *Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996*. Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 17 de março de 2013

FREITAS, Geovani Jácó de. Juventude e Ensino Médio: Perspectivas da Sociologia entre conquistas e desafios. In CIGALES, Marcelo Pinheiro. *Sociologia e juventude no Ensino Médio: formação, PIBID e outras experiências. Saberes em Perspectiva*, v. 4, n. 8, p. 273-279, 2014.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

MEUCCI, Simone. *Institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2011.

MORAES, Amaury Cesar. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. *Cadernos CEDES*, v. 31, p. 359-382, 2011.

NEVES, Ana Beatriz Maia Neves. Sociologia no ensino médio: com que “roupa” ela vai? . In: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Júlia Polessa; FRAGA, Alexandre Barbosa (org.). *Conhecimento escolar e ensino de sociologia: instituições, práticas e percepções*. 1 ed. – Rio de Janeiro: 7letras, 2015.

OLIVEIRA, A. Revisitando a História do Ensino de Sociologia na Educação Básica. *Acta Scientiarum. Education* vol. 35, n 2, 2013.

_____. Desafios teórico-metodológicos no ensino de sociologia no ensino médio. *Revista Perspectiva*. v. 32, n. 3. 2014

SARDINHA, A.C.S.; SOUSA, M.P.; FREIRE, T. P. Formação de habitus docente em ciências sociais na UFMA. In: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Júlia Polessa; FRAGA, Alexandre Barbosa (org.). *Conhecimento escolar e ensino de sociologia: instituições, práticas e percepções*. 1 ed. – Rio de Janeiro: 7letras, 2015.

SILVA, Aline Barbosa da. A sociologia no ensino médio: o que pensam o estudantes de Duque de Caxias? . In: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Júlia Polessa; FRAGA, Alexandre Barbosa (org.). *Conhecimento escolar e ensino de sociologia: instituições, práticas e percepções*. 1 ed. – Rio de Janeiro: 7letras, 2015.

SILVA, I. F. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. *Cronos*, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007

YUNG, T da S.; CASTRO, B. M. B de; CAMPOS, V. C. Reflexões sobre a representação social da Sociologia a partir da visão dos estudantes do ensino médio do DF. . In: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Júlia Polessa; FRAGA, Alexandre Barbosa (org.). *Conhecimento escolar e ensino de sociologia: instituições, práticas e percepções*. 1 ed. – Rio de Janeiro: 7letras, 2015.